

Sarney não substitui Ornellas

Escolha do governador do DF depende mesmo de Tancredo

ADAUTO CRUZ



Juruna, um dos 50 recebidos por Sarney, numa semana de muita tensão

Pressões de todo lado na semana tensa do vice

O presidente em exercício José Sarney chegou ao final da semana exausto e ainda tenso. Exausto por ter recebido em audiência, ao longo da semana, mais de 50 pessoas, que foram pressionadas, principalmente para que indicasse os nomes de segundo escalão que ainda faltam. Além disso, armou-se em torno do presidente em exercício um forte esquema de projeção nacional, para que sua figura ocupasse os espaços destinados, na atenção do público, ao Executivo.

A tensão de Sarney deve-se às contrapressões a que também esteve submetido nesta semana, de governa-

dores e líderes partidários, que fatalmente teriam nomes e interesses de seu agrado contrariados pelas indicações que ele teria que fazer para movimentar a máquina administrativa do governo.

Assim, para cada governador do PMDB que Sarney recebeu em audiência a Frente Liberal marcou, quase em seguida, audiência com uma bancada federal do PFL. Durante os encontros diversos pedidos pessoais e regionais contrariavam outros pedidos recebidos. Por exemplo: a bancada de Mato Grosso quer indicar o presidente do Basa — Banco da Amazônia SA, que também é rei-

vindicado pelos governadores do PMDB do Norte, e pelo ex-governador Alacid Nunes, da Frente Liberal do Pará.

Como se não bastasse este jogo de interesses o Presidente esteve submetido ainda à tensão natural do deslocamento de Tancredo Neves para São Paulo, onde foi submetido a uma terceira operação. Sarney voou em seguida para lá, retornando no mesmo dia, mantendo linha direta com o hospital de São Paulo para saber a evolução do quadro clínico do Presidente eleito. Quadro agravado nesta sexta-feira com febre alta e disritmia cardíaca.

Ministro não vê dificuldades

O ministro da Justiça, Fernando Lyra, disse ontem não prever dificuldades nos entendimentos para as nomeações do segundo escalão, pois a Aliança Democrática tem "bastante competência e cobertura política para atingir seus objetivos sem problemas".

Ao instalar, ontem pela manhã, a comissão que estudará reformas na censura, o ministro afirmou que a unidade que vai se formando no Governo é fundamental para o desenvolvimento de seu projeto político, que tem como meta chegar à Constituinte, em 1986.

Ele homenageou o presidente em exercício, José Sarney "uma figura que se incorporou à nossa luta e tem se comportado de maneira impecável". Segundo Lyra, "a Frente Liberal acertou quando o indicou e a Aliança Democrática acertou quando o elegeu para substituir Tancredo Neves". Recordando a madrugada em que o presidente adoeceu, o ministro disse:

— Sarney ali, naquele momento, era o vice-presidente da República. Pouco a pouco, foi se transformando no vice-presidente de Tancredo Neves.

O presidente em exercício, José Sarney, revelou ontem ao CORREIO que o governador do Distrito Federal só será indicado depois que o presidente Tancredo Neves se recupere o bastante para orientar pessoalmente a escolha. A declaração de Sarney confirma as informações prestadas ontem pelos governadores do Espírito Santo, Gerson Camata, e de Santa Catarina, Esperidião Amin.

Segundo Gerson Camata, o cargo de governador do Distrito Federal não possui consenso. Sobre o assunto, o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, já disse que a opinião de Tancredo Neves será definitiva, pois o governador tem de ser alguém da confiança do presidente eleito. Isso afasta a veracidade de notícias que davam conta de que a escolha do governador seria feita neste fim de semana, quando PMDB e Frente Liberal se reúnem para indicar nomes para o segundo escalão.

E certo, pois, que o nome do sucessor de Ornellas não sairá na segunda-feira. Por sinal, dia 1º de abril, consagrado à mentira. Detalhe que com certeza passou despercebido por aqueles que, comprometidos com um nome para o cargo, fizeram circular ontem a notícia de que a sucessão já estava definida. Também ficou prejudicado o trabalho de alguns auxiliares diretos de Tancredo, que tentaram influir junto a Sar-

ney para a escolha do governador. A questão será decidida sem intermediários.

Para ocupar o cargo, continuam cotados três nomes: o do empresário e ex-deputado Carlos Murilo Felício dos Santos, apoiado pela viúva de Juscelino, dona Sarah Kubitschek, e pelas duas filhas, Márcia e Maristela; o do senador Mauro Borges (PMDB-GO), indicado há poucos dias presidente da Comissão do Distrito Federal no Senado; e o do deputado Carlos Cotta (PMDB-MG), chefe do Gabinete Civil do governo Minas durante a gestão Tancredo Neves e início da administração Hélio Garcia.

O DRAMA



DE TANCREDO

Hora e vez das compensações

O governador do Espírito Santo, Gerson Camata, pediu ontem ao presidente em exercício José Sarney que atue como "advogado" dos governadores e bancadas que participam da Aliança Democrática, mas que não fizeram ministros de Estado. Segundo Camata a discussão para definir os cargos do segundo escalão se dará neste fim de semana, no Jaburu, com a participação de Ulysses Guimarães, Jorge Bornhausen e Castello Branco, ministro do Gabinete Civil.

"Os cargos mais difíceis e que podem esperar, como o governo do Distrito Federal (GDF) não sairão agora, e esperarão a recuperação de Tancredo Neves para serem preenchidos", adiantou Camata.

Para o governador não há dificuldade alguma em se preencher uma série de cargos considerados importantes, como diretorias de estatais, "pois é fácil para ele (Sarney) reconstituir conversas políticas de Tancredo. A indicação de Carlos Rischbieter para o IBC, por exemplo, não houve dúvidas — eu e mais duas pessoas ouvimos Tancredo dizer ao governador Richa que era para lhe trazer o nome de Rischbieter que ele seria indicado", co-

mentou.

Em sua opinião é só José Hugo, dona Antonia Gonçalves de Araújo (secretária particular de Tancredo), Aécio Cunha (neto) e Francisco Dornelles — interlocutores constantes de Tancredo e que assistiram a maioria de seus encontros políticos — confirmarem os nomes duvidosos para lhes dar respaldo. "Em todas as minhas conversas com Tancredo um deles esteve presente e poderá reconstitui-las para Ulysses e Bornhausen formarem a lista de nomes que discutirão este fim de semana com Sarney", adiantou.

Gerson Camata acredita na necessidade de uma atuação mediadora de Sarney na hora da definição dos cargos, "para que ninguém tenha mais do que o outro. Este seria o caso do PMDB, que tem mais ministros que a Frente Liberal, ou o caso de Minas e São Paulo que têm quatro ministros cada um, quando Acre, Amazonas, Espírito Santo e Mato Grosso não têm nenhum". Estes ministros poderiam usar sua maioria regional ou partidária para fazer o segundo e terceiro escalões sem que Sarney atue como advogado, reconheceu Camata.

Segundo escalão mantém equilíbrio

O ministro da Administração, Aluísio Alves, disse ontem que o presidente em exercício, José Sarney, decidirá com autonomia a nomeação para cargos do segundo e terceiro escalões, nos casos em que não houver consenso entre os dirigentes do PMDB e do PFL, os dois partidos integrantes da Aliança Democrática, ou inexistir compromissos assumidos pelo presidente Tancredo Neves com governadores e bancada estaduais.

Segundo informou ontem um outro ministro de Estado, que pediu para que seu nome não fosse mencionado, a postura simpática ao PMDB adotada pelo presidente Sarney irritou algumas áreas da Frente Liberal. De acordo com esse ministro, existem grupos do PFL que esperavam maior liberalidade de Sarney com o partido na composição do segundo escalão do governo.

— Já fiz o papel de vilão, e assim vocês me conhecem, mas sei fazer muito bem o papel de mocinho — disse Sarney a um ministro vinculado ao PMDB.

Segundo a interpretação de uma importante fonte parlamentar do PFL, o presidente em exercício,

com essa frase, explicitou a sua estratégia no governo: assegurar o apoio e o aplauso do PMDB, principalmente de seus grupos mais radicais, que resistiram à sua indicação como candidato a vice-presidente. De acordo com a fonte, Sarney não será generoso com nenhum grupo, mas simplesmente trabalhará para manter o equilíbrio da Aliança Democrática.

Segundo disse a fonte, a nomeação para os cargos ainda vagos não constitui dificuldade para a Aliança Democrática. As reais dificuldades são identificadas no Congresso, onde estaria difícil a convivência com o líder do PMDB na Câmara, deputado Pimenta da Veiga.

O primeiro discurso de Pimenta da Veiga irritou o líder do PFL, deputado José Lourenço, porque, ao se referir à Aliança Democrática, ele mencionou apenas, o seu partido e "outros partidos". Lourenço pediu a seu vice-líder, Celso Barros, que apartasse lembrando o líder do PMDB do esquecimento. Pimenta laconicamente respondeu que Barros estava de fora. Seu discurso foi interrompido por todos os partidos, menos o PFL.